

VALORAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO RESENHISTA: UM ESTUDO DE CASO EM RESENHAS ACADÊMICAS DA ÁREA DE LINGUÍSTICA

VALUATION AND THE CONSTRUCTION OF THE IDENTITY OF THE REVIEWER: A CASE STUDY IN ACADEMIC REVIEWS OF THE AREA OF LINGUISTICS

Alex Luis dos Santos* (UFSJ)
Cláudio Márcio do Carmo** (UFSJ)

RESUMO: Em suas investigações sobre semântica do discurso, Martin e White (2005) defendem que, em alguns domínios discursivos, tal qual o acadêmico, convenções particulares de composição condicionam fortemente os estilos avaliativos empregados pelos escritores. Destarte, o presente trabalho propõe-se à produção de um exame arguto das escolhas linguísticas que evidenciam a avaliatividade e a construção identitária do resenhista em resenhas acadêmicas da área de Linguística. Estas apresentam moldes mais ou menos rígidos, responsáveis pela padronização dos textos científicos. Ao discutir essas escolhas, percebe-se o modo como o sistema de valoração confirma e coopera igualmente para o estabelecimento de práticas discursivas e de relações sociais por meio de mecanismos linguístico-discursivos regulares num gênero cujo uso é eminentemente requerido na academia. Esses mecanismos mostram de forma contínua a maneira como é construído, diluído ou afirmado o posicionamento do produtor textual, além de expor o comprometimento que tem esse produtor/resenhista com aquilo que manifesta na resenha.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliatividade. Construção identitária. Resenhista. Resenhas acadêmicas. Linguística.

ABSTRACT: Through the investigations of the Discourse semantics, Martin and White (2005) argue that, in some discursive areas, as the academic, particular conventions of composition has a major influence the evaluative styles used by writers. Thus, this study aims to produce an insightful examination of the linguistic choices that show the evaluation and the identity construction of the reviewer in same reviews of the linguistics academic field. These patterns have more or less rigid, responsible for the standardization of scientific texts. To discuss these choices, we can see how the valuation system, confirms and also cooperates also the establishment of discursive practices and social relations through regular discursive-linguistic mechanisms in a genre whose use is highly required in the academy. These mechanisms show continuously the way it is constructed, diluted or stated the position of the text producer, beyond expose the commitment that this producer/reviewer has with what manifests in the review.

KEYWORDS: Evaluation. Identity, Reviewer. Academic reviews. Linguistics.

* Graduando em Letras pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), participa do Grupo de Pesquisa em Cultura, Representação e Discurso, e atualmente desenvolve pesquisa fomentada pelo CNPq. E-mail: alxlouis@hotmail.com.

** Professor Adjunto no Programa de Mestrado em Letras (PROMEL) e no Departamento de Letras, Artes e cultura (DELAC), da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tem seus estudos voltados para a Linguística Sistemática Funcional. E-mail: claudius@ufs.edu.br.

INTRODUÇÃO

O estudo da avaliação em Linguística pode ser um aparelho interessante para se investigar a sinergia que ocorre entre o sistema linguístico e o meio social. Partindo disso, o presente trabalho analisa a valoração e a construção identitária do resenhista em resenhas acadêmicas da área de Linguística. Mais especificamente compõe um tratamento crítico dos recursos usados para a transação das emoções, dos julgamentos e dos valores apreciativos dentro de um gênero que responde à necessidade de ajuizamento e validação da literatura científica (MOTTA-ROTH, 2002).

O que se tem verificado, segundo Meurer (2002), é a necessidade de novos estudos sobre diferentes gêneros textuais, inclusive a resenha acadêmica, que desenvolvam instrumentais teóricos e práticos para se compreender que, por meio de textos orais ou escritos, se criam representações que reverberam, constroem e/ou desafiam conhecimentos e crenças, e cooperam para o estabelecimento de relações sociais e identitárias.

É, então, envolvido com o preenchimento dessa lacuna teórica que este trabalho utiliza a perspectiva desenvolvida e adotada por Martin e White (2005). Essa perspectiva está ancorada nas bases epistemológicas da Linguística Sistêmico-Funcional; constitui-se precisamente uma expansão pormenorizada da Metafunção Interpessoal desenvolvida por M.A.K. Halliday (HALLIDAY, 1985) e contempla a avaliação como o modo pelo qual o sujeito se posiciona num texto.

A partir dessa perspectiva pretende-se produzir uma análise da avaliatividade/valoração no gênero resenha acadêmica da área de Linguística, buscando examinar seus mecanismos linguístico-discursivos que possam ser entendidos como padrões, produzir uma explicação sobre a forma de construção do gênero em questão, e tecer uma crítica sociocultural dos processos de valoração desses textos.

Tendo a ideia fundamental de que a língua constrói o contexto social e é por ela construída, a Linguística Sistêmico-Funcional constitui um referencial relevante para a análise de texto pretendida. Ela é empregada pela Análise Crítica do Discurso como ferramenta analítica por ser centrada na análise da linguagem do ponto de vista de como se dá a construção de significados na interação.

Para essa análise são utilizadas dez resenhas atuais, de vários autores, retiradas de duas revistas, a saber, a *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* (UFMG) e a *Revista DELTA* (PUC-SP). A escolha destes periódicos se deu por serem classificadas no estrato A na área de Linguística, do Qualis-Capes. Já a eleição de volumes mais atuais deve-se ao

reconhecimento da possibilidade de ocorrerem paulatinas transformações no gênero em questão.

Assim sendo, este trabalho está arquitetado de maneira tal que possibilite o diálogo entre os campos teóricos já citados dentro de uma seção de análise dos dados que antecede as considerações finais deste trabalho.

1 ACOPLANDO ESTUDOS E RECONSTITUINDO-OS COMO RECURSOS PARA INVESTIGAÇÃO

A tradição funcionalista, desde a Escola Linguística de Praga, mostra-se convicta da insuficiência de uma descrição estrutural da sentença em determinar o significado da expressão linguística. Acredita antes que este significado “precisa incluir referência ao falante, ao ouvinte e a seus papéis e estatutos dentro da situação de interação determinada socioculturalmente” (NEVES, 2004, p. 21-23 *passim*). Esse pensamento configura um elemento importante para as considerações acerca dos fatos da língua: o extralinguístico.

Dentro dessa perspectiva funcional que se acopla numa descrição sistêmica, Michael A. K. Halliday (1985) apresenta sua visão da gramática funcional no livro *An Introduction to Functional Grammar*. A abordagem que Halliday faz baseia-se na concepção de língua enquanto fenômeno primordialmente social. Essa abordagem leva em consideração o *contexto de situação* encapsulado no texto para que a relação meio social e linguagem não seja vista de modo isolado.

Martin e White (2005) explicam que, ao se caracterizar o sistema em relação ao *contexto de situação*, tem-se a correspondência deste a *metafunções* específicas. Segundo Christie (2004, p. 21), “a noção de metafunções foi mencionada no pensamento de Halliday ainda na década de 60, embora tivesse sido aprimorada no final da mesma”.

Assim, Halliday (1985) explica que as *metafunções* estão interligadas na construção do discurso. Logo, toda sentença num texto é multifuncional. Ele explica esse conhecimento propondo que a *metafunção ideacional* é representada através das experiências de mundo, a *interpessoal* se constitui através da negociação das relações sociais entre os participantes da interação, e a *metafunção textual* estabelece a organização interna do texto com base na hierarquia da informação.

No caso desta pesquisa, ater-se-á ao item deste arcabouço destinado à análise da maneira que as *personas* discursivas, termo da valoração que se refere aos participantes do discurso, expressam e negociam seus pareceres em relação à realidade, portanto à *metafunção interpessoal*. Assim sendo, faz-se necessário compreender o *sistema de valoração*, cunhado e abordado por Martin e White. Por tal meio é possível perceber a

intrincada subjetividade de quem emite um parecer sobre pessoas, coisas, entidades ou proposições.

O *sistema de valoração (appraisal system)* se refere aos recursos semânticos usados para a transação das emoções, julgamentos e valores. Segundo Martin e White (2005), a *avaliação* é um expediente da semântica do discurso que co-articula o significado interpessoal com a negociação e o envolvimento. Com a *avaliação* e com o *envolvimento*, este entendido como os aspectos linguísticos que geram a solidariedade do autor/falante para com o leitor/ouvinte, é possível a percepção da ramificação e complementação dos estudos de Martin e White em vista aos de Halliday.

Os autores da teoria da valoração apresentam uma abordagem para a inscrição e construção desse significado avaliativo, regionalizando tal significado- potencial para o efeito retórico, comunicativo e discursivo – em três seções: *atitude*, *engajamento* e *gradação*. A primeira confere o mapeamento dos sentimentos na forma como são construídos; a segunda, ligada à ética, explora as relações estabelecidas pela voz autoral com as referendadas no discurso, tendo em vista as comunidades socialmente constituídas que partilham posições e crenças; e a última afere a intensidade dessas emoções na forma como são arquitetadas.

A *atitude*, enquanto um sistema de significados, também se divide em três regiões semânticas: *afeto*, *julgamento* e *apreciação*. O *afeto* preocupa-se com o registro dos sentimentos ligados a felicidade, a segurança e a satisfação. O *julgamento* trata do exame que se faz em relação ao comportamento humano. E a *apreciação* envolve-se com as avaliações negativas e positivas de objetos, artefatos, processos e estados das coisas (MARTIN; WHITE, 2005).

Essas formas de se posicionar, através da *atitude*, podem contribuir para a construção identitária do sujeito/produtor textual tendo em vista que, inseridas em um discurso, naturalmente serão capazes de: (1) produzir e reproduzir crenças e conhecimentos por diferentes maneiras de representação da realidade, (2) constituir relações sociais, (3) criar, ampliar ou refazer identidades (MOTTA-ROTH, 2002).

O que se percebe é que o posicionamento, resultante dos valores e crenças apreendidos com as experiências vividas ao longo do tempo, retrata ações linguísticas, sociais, culturais com propriedades ideológicas e demonstra um campo em que os embates nas relações de poder são legítimos. Nesse sentido, o discurso, intermédio elementar para a transposição das relações citadas, é concernido como o uso da linguagem na forma de prática social (FAIRCLOUGH, 2001).

O *discurso*, nesta perspectiva, compreende três níveis difusos e complementares. Essa visão tridimensional percebe o *evento discursivo* segundo o texto, a prática discursiva e a prática social.

O elemento *texto* dentro dessa moldura analisa as questões de forma e de significado e é organizado em quatro categorias: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. A *prática discursiva* compreende os processos produtivos e interpretativos, em que os processos de produção, distribuição e consumo são analisados. E a *prática social* focaliza a relação discurso-ideologia, discurso-poder em que são percebidas as lutas hegemônicas (FAIRCLOUGH, 2001). Essas repartições não significam seções isoladas e desvinculadas; antes, porém, complementam-se para o reconhecimento de um significado que extrapola o nível do sistema linguístico. Desse modo, o texto não será um simples artefato, mas um evento dinâmico e processual em que interagem diferentes sujeitos com diferentes interesses.

Sobre a interconexão entre fatores textuais e fatores contextuais (das relações sociais envolvidas) pressupõe Désirée Motta-Roth o entendimento de *gênero*. Assim, a mesma autora caracteriza o *gênero*, locado dentro das convenções discursivas em Fairclough, como sendo “formas estáveis de uso da linguagem que estão intimamente associadas com formas particulares de atividade humana” (MOTTA-ROTH, 2002, p. 79).

Motta-Roth ainda afirma que “vale acrescentar que o conhecimento humano é construído através de gêneros – linguagem usada em contextos recorrentes da experiência humana – socialmente compartilhados” (MOTTA-ROTH, 2005, p. 181). Mais ainda, ela destaca a necessidade de encararmos os *gêneros* “como atividades culturalmente pertinentes, mediadas pela linguagem num dado contexto de situação, atravessado por discursos de ordens diversas” (MOTTA-ROTH, *ibidem*, p. 181).

Percebe-se, logo, a interface das ideias de *gênero*, *discurso* e *avaliação*. São conceitos que podem ser ligados e constituem material para entrever o tipo de relação social que é estabelecida entre os participantes do gênero. A bagagem que traz consigo em cada um destes conceitos é de suma importância para a consecução de análises de identidade que se proponham essencialmente multiteórica.

Cumpre expor que, a título de constatação, estão presentes no corpo deste trabalho excertos exemplificativos das resenhas utilizadas. Estas resenhas são identificadas por uma sequência de letras e números que vai de D1 a D5 (resenhas da Revista Delta), e de LA1 a LA5 (resenhas da Revista brasileira de Linguística Aplicada).

2 CONSTRUTO IDENTITÁRIO A PARTIR DO (DES)ALINHAMENTO E DA AVALIATIVIDADE DO RESENHISTA

Posicionar-se diante de algo significa para a Análise Crítica do Discurso em Fairclough, tão quanto para a Valoração em Martin e White, muito mais do que emitir um parecer favorável ou adverso; significa, ainda mais neste trabalho, construir um significado interpessoal, identificar a si e ao outro numa relação fundada pelo texto. Logo, a avaliação, que determina o posicionamento e é eminentemente dialógica, ocupa de forma funcional um espaço em que se demarca explícita ou implicitamente uma identidade (MARTIN; WHITE, 2005).

A possibilidade, então, de arquitetar um lugar de onde se fala ou escreve, pela forma como avalia e se posiciona e pela maneira que se constrói o ouvinte/leitor endereçado, sugere o potencial discursivo do gênero apreciado neste trabalho: a resenha. Nesse sentido, quando escritores/falantes declaram suas opiniões, eles não só se autoexpressam (falam à sua mente), mas “simultaneamente convidam outras pessoas para lhes apoiarem e compartilharem de seus pensamentos, gostos ou avaliações normativas que estão sendo anunciadas” (MARTIN; WHITE, 2005, p. 95).

O que se reconhece e observa é que as inscrições avaliativas funcionam como elementos complexos, no sentido de emaranhados, integrados de sentido em que o último efeito é retórico - um artefato de significados que foram escolhidos e que combinados articulam o efeito ulterior (MARTIN; WHITE, 2005). Esse efeito recebe o nome de *prosódico* e expõe o grau de acordo ou desacordo (alinhamento/desalinhamento) que o resenhista, no caso aqui específico, constitui com o leitor da resenha.

2.1 AVALIATIVIDADE DO RESENHISTA

O mapeamento das emoções percebidas e construídas no texto recebe a rubrica, segundo Martin e White (2005), de *atitude* e consiste numa maneira de se produzir a *avaliatividade*. A atitude, enquanto um sistema de significados, é mapeada de acordo com a natureza dessas emoções: *afeto*, *juízo* e *apreciação*. O afeto, cerne das três regiões, preocupa-se com o registro positivo ou negativo dos sentimentos, ou seja, se triste ou alegre, ansioso ou despreocupado, interessado ou abnegado. O juízo trata do ajuizamento que se faz em relação ao comportamento humano: se admira, critica, elogia ou condena. Ulterior, a apreciação abarca aqueles posicionamentos acerca de objetos

materiais ou semióticos, concretos ou abstratos, em função da maneira que são valorizados em um determinado campo (MARTIN; WHITE, 2005).

Essas avaliações atitudinais acentuam a matize opinativa de quem produz um texto, indiferentemente do modo de produção: escrito ou falado. Por essa razão, observando a devida potencialidade, cumpre se perceber quais os padrões recorrentes da inserção da avaliação na resenha.

As especificações analíticas destes artifícios avaliativos que sustentam as observações sobre a valoração nesse gênero textual, representadas pelos gráficos 1 e 2, refletem que, em geral, há um compasso quase que exato do número de inscrições de caráter examinador, opinativo, entre a *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* e a *Revista Delta* (150 e 144). A implicação desse dado incorre numa percepção de que, ainda que o teor avaliativo de uma resenha para outra não se mantenha relativamente proporcional, essa desarmonia notada é perfeitamente aceita no gênero em questão e uma prática regular a ser considerada.

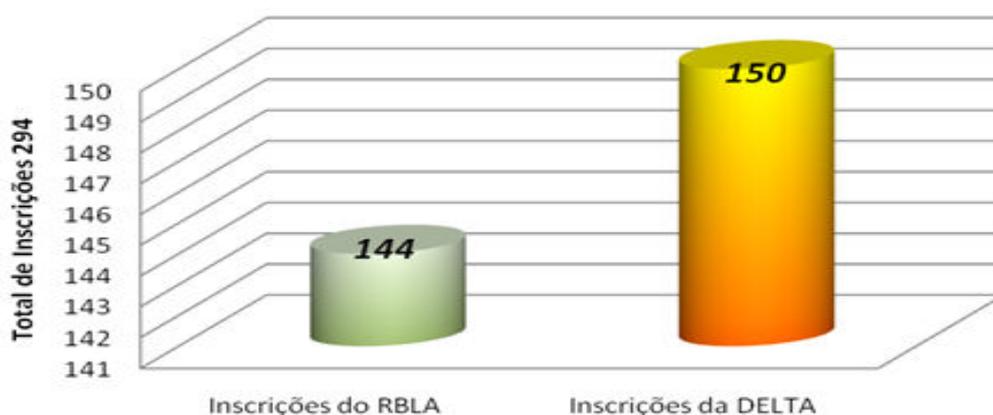


Gráfico 1: Quantidade por revista

Outro dado considerável e igualmente exposto no gráfico 2 foi a predominância de inscrições lexicalmente atitudinais identificadas como *apreciações de avaliação (valuation)* (72%). Por apreciações de avaliação entendem-se, segundo Martin e White (2005), as avaliações positivas ou negativas que um escritor/falante emite sobre um objeto e que diz respeito à ideia cognitiva que este emissor tem sobre o elemento avaliado. Cognitiva porque, de acordo com a sistemicista Suzanne Eggins (2004), este subtipo de apreciação (*valuation*) relaciona-se com o específico processo mental da cognição, do conhecimento do avaliador. A relevância desta constatação que contempla o conhecimento sobre determinado objeto sugere uma posição textual atribuída ao especialista.

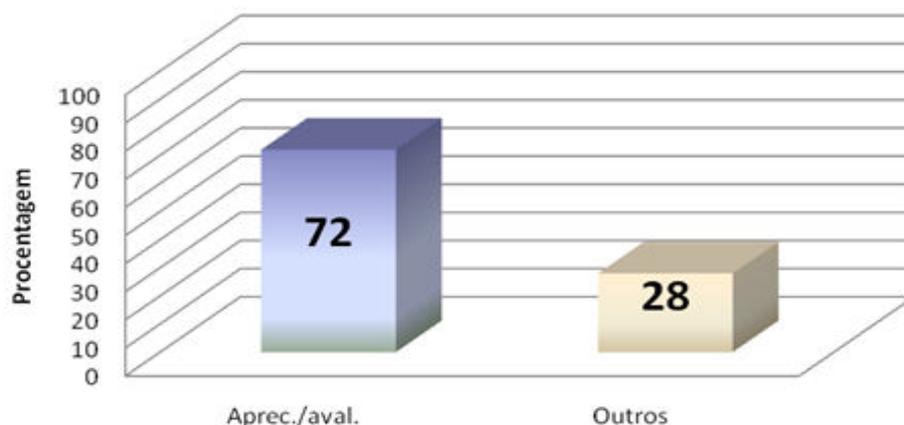


Gráfico 2: Tipo de avaliação

Martin e White, partindo do princípio de que a linguagem se organiza em torno de um propósito, de um objetivo, acreditam que a apreciação deve ser interpretada metafuncionalmente sendo que a *avaliação* (enquanto subtipo da apreciação) liga-se à *metafunção ideacional*, que, segundo Halliday (1985), codifica as experiências do mundo.

Halliday (1985) especifica o conhecimento dessa metafunção, relacionando-a ao sistema de *transitividade*, cujo desígnio prático é o de especificar os papéis dos elementos da oração por meio de seis processos¹. Esses processos são classificados como material, comportamental, mental, verbal, relacional e existencial de acordo com a forma como são construídas essas experiências. O processo classificado como mental é, segundo Halliday (1985), responsável pela transmissão das experiências relacionadas à sensibilidade, a consciência humana e, por ser frequente no *corpus*, será considerado em sua relação com a avaliatividade.

A codificação das experiências do resenhista engendradas no gênero textual resenha, pela preponderância do tipo de processo mental ligado à cognição, é potencialmente capaz de construir uma identificação voltada mais uma vez para o papel do especialista, de um conhecedor que expõe suas avaliações baseadas em sua impressionabilidade técnica. Pedro Demo prefere ressaltar as implicações sociais no entorno dessa *persona* discursiva.

O fato mais importante nesta parte, contudo, é a **descoberta de um espaço de poder por meio do saber especializado**, considerado bem raro. Ao lado da especialização propriamente dita, representada pela competência técnica na área, existe o elemento social da relevância política, à medida que se torna insubstituível e detentor de espaço próprio de poder,

¹ Processo é uma categoria hallidayana para o que a gramática tradicional chama de verbo.

é um caminho para se tornar elite, **para consagrar o trabalho intelectual**, para elevar-se por cima da maioria coibida de acesso. (DEMO, 1995, p. 48 – grifo nosso).

As inscrições atitudinais de *apreciação/ avaliação* como *bastante superficial, extremamente interessante, perfeitamente indispensáveis e útil*, retiradas, por exemplo, do texto de José Borges Neto (resenha D3), ratificam semanticamente um prévio e próprio conhecimento que denotam propriedade, ou pelo menos cumprem este efeito de sentido. Outras aparições destas, antecedidas por um elemento de gradação, alguns modalizados porém asseverativos como *extremamente importante, ideologicamente interessada* (resenha D4), *muito positivo, muito bem explorada* (resenha LA4), *grande desafio* (resenha LA2) reforçam a convicção natural de quem se posiciona com o domínio de um técnico.

A prática destas *atitudes apreciativas* que proporcionam o reconhecimento das ocasiões avaliativas do resenhista faz parte de uma conjuntura em que outras formas de avaliatividade, estrategicamente não tão perceptíveis, são inscritas. Nota-se nas resenhas um modo particular de emissão de valores por meio das escolhas de *transitividade*. Esse modo recebe o nome, segundo Martin e White (2005), de *conotação atitudinal* e consiste numa avaliação implícita pelas, principalmente, escolhas processuais ao descrever uma ocasião.

O sentido translato, ou subentendido, às vezes de teor subjetivo, que uma palavra, em especial o verbo, pode apresentar paralelamente à acepção em que é empregada caracteriza a conotação da atitude, e deixa com a sua escolha “pistas” que revelam a avaliação que tem o emissor. Alguns dos vários exemplos averiguados são: *a linguística sofreu* (avaliação negativa encontrada no 1º § da resenha D5), *libertou das amarras* (avaliação positiva encontrada no 2º § da mesma resenha), *os autores se esforçam para* (avaliação positiva e julgamento de tenacidade encontrada no 6º § da resenha D4).

Muito desses registros, principalmente quando aparecem no corpo da descrição da resenha, dissimulam as opiniões do resenhista e, por inerentemente serem avaliativos, podem produzir um efeito retórico sobre o leitor putativo nesse gênero textual.

A estratégia de conotar uma avaliação pode, pelas muitas vezes utilizadas na resenha, ser concebida como uma técnica discreta de uso da linguagem, que, como num sistema em que as partes se interagem e formam um todo, é um elemento que contribui para se pensar nesse gênero textual como formal, de crítica polida e fundamentada - ideias expressas no meio acadêmico.

Outra forma de avaliatividade frequentemente utilizada pelo resenhista é abordada por Fairclough (2001) como *elementos metadiscursivos* e trata-se especificamente na resenha de avaliações sutilmente expressas por paráfrases, expressões evasivas ou

reformulações de algum termo. Eles comumente aparecem entre aspas e implicam que o resenhista “esteja situado acima ou fora de seu próprio discurso e esteja em posição de controlá-lo e manipulá-lo” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 157).

Os elementos metadiscursivos (ex. *A história é fonte de “aliados”; a chamada postura “Brunmfitt-Widdolelson”; Dascal se ocupava de “substanciar”; lançada na lata de lixo do “erro”* presentes respectivamente nas resenhas D3, D4, D2 e D5) embora manifestem um distanciamento entre o produtor do texto e a maneira que ele percebe a realidade da qual escreve, demonstra no contexto em que aparecem juízos que refletem o modo como um objeto, uma entidade ou um estado de coisas é valorizado e representado pelo resenhista. Por essa razão é que Fairclough (2001) observa a vinculação dos elementos metadiscursivos, entendidos como uma forma intertextual em que o produtor do texto distingue diferentes níveis dentro do corpo do próprio texto, às identidades arquitetadas no discurso.

Não se pode, entretanto, sistematizar as avaliações generalizando esse distanciamento como que sendo sempre um ajuizamento negativo ou positivo. Os dados apontam para um quadro mais ou menos equivalente entre as inscrições metadiscursivas que identificam uma apreciação negativa daquelas que demonstram uma apreciação positiva do resenhista. Isso significa que ele, ao apropriar-se de tal recurso, tem interesses discursivos e retóricos variados que refletem na forma como esses interesses são expostos.

2.2 ALINHAMENTO E DESALINHAMENTO A PARTIR DO POSICIONAMENTO AVALIATIVO

Se, assim como considera Désirée Motta-Roth (2002), as resenhas dispõem das prerrogativas de avaliação e validação da literatura científica, então variações em traços linguísticos que visam a uma potencial audiência com o leitor, por meio da qualidade de alinhamento, determinará não só o valor concedido às entidades ou proposições que estejam como objeto de avaliação, mas também a maneira engendrada para que este valor seja reconhecido como verdade, plausível, aceitável, minimamente confiável e consentido pelo destinatário pretendido.

Para uma análise sugestiva e exemplificativa da articulação retórica projetada pelos itens potencialmente avaliativos em um dado contexto de (des) *alinhamento*, deve-se observar a carga semântica inerente a essas palavras de acordo com sua gradação natural, ou seja, parte-se do princípio que haverá sempre um escalonamento “inato” de positividade ou negatividade daquelas palavras que no texto se propuserem a uma visão opinativa do produtor textual (MARTIN; WHITE, 2005). Assim, a resenha D1, peculiar na forma de

exposição desses itens, traz termos do tipo *inadmissíveis, incorretas, irrelevantes, inepto, confuso, mal orientada, falta de objetividade, lastimável e insólitas* (algumas dentre diversas outras) que são aptas para estabelecerem uma relação solidária com somente uma parcela de leitores que comungam dos mesmos juízos acerca da obra resenhada (algumas, inclusive, são especulações e juízos de valor, o que, normalmente, é considerado contrário ao padrão acadêmico).

Holisticamente, visto que esses itens não aparecem ligados numa mesma sentença, todas essas arguições, pouco circunspectas, compõem um significado interpessoal por denotarem e considerarem a presença e leitura de um leitor específico, e são capazes de juntas definirem um posicionamento explícito. Halliday (1979) endossa a importância dessa análise holística quando diz que:

O significado interpessoal não pode facilmente ser expresso com a configuração de elementos discretos... A essência do significado potencial desta parte do sistema semântico é que a maioria desses elementos está associada com o ato do significado num todo [...] o efeito é acumulativo. Nós devemos fazer referência a este tipo de realização como “prosódicos”, uma vez que o significado é distribuído como uma prosódia - um trecho do discurso contínuo² (HALLIDAY, 1979, p. 66-67).

Entretanto, ao se posicionar com pouca descrição, com elementos não discretos, e de maneira *monoglósica*³, o resenhista tende a restringir seu campo de alinhamento por não reconhecer outros pontos de vista.

A maior parte, portanto, dos termos lexicalmente atitudinais no corpo das resenhas é dotada de uma postura branda, amena, por vezes modalizadas por palavras e expressões graduáveis (polarizadas positiva ou negativamente ou não) como, por exemplo, *saudável, estranheza, oportuna, significativo, relativamente nova, não parece claro e poderia ser reavaliada* (resenha LA4). A conjuntura produzida por todas essas avaliações menos contundentes, mais modalizadas, aparentemente mais sensatas, por vezes expressas metadiscursivamente, não invalida a identidade construída de especialista, entretanto atenua, de maneira até certo ponto estratégica, a responsabilidade do resenhista para com

² Interpersonal meanings cannot easily be expressed as configurations of discrete elements ... The essence of the meaning potential of this part of the semantic system is that most of the options are associated with the act of meaning as a whole ... this interpersonal meaning ... is strung throughout the clause as a continuous motif or colouring ... the effect is cumulative ... we shall refer to this type of realization as ‘prosodic’, since the meaning is distributed like a prosody throughout a continuous stretch of discourse. (HALLIDAY, 1979, p.66-67).

³ Os termos monoglossia, e heteroglossia foram cunhados por Mikhail Bakhtin e encontram-se no livro: BAKHTIN, M. *Dialogical imagination*. 15^a ed. Austin: University of Texas Press, 2004, (p. 263, 291, 293). A primeira palavra significa, de acordo com a obra indicada, a ausência de uma diversidade social de tipos de linguagens. A segunda é a tradução de *raznorecie* e consiste na diversidade social dos tipos de linguagem. Neste trabalho, segue-se o tratamento dado ao termo por Martin e White que os veem como formas pelas quais o sujeito possibilita ou não, pela sua fala ou escrita, a inserção de outras opiniões diferentes a sua.

sua avaliação, visto que a este é atribuída a prerrogativa da consideração de ser capaz de conhecer e entender o objeto avaliado.

Tanto as avaliações muito carregadas semanticamente de significado quanto as modalizadas ou menos comprometedoras são maneiras pelas quais o (des) alinhamento age a fim de inscrever retoricamente o leitor numa ideia que se faz sobre algo. Desse modo, pensando na preferência daquelas em que não se toma muito compromisso com o valor da proposição, o resenhista cria um pano de fundo *heteroglóssico* capaz de estrategicamente reconhecer pontos de vista alternativos e de estabelecer uma aproximação com o leitor, à medida que este se percebe compartilhando, ainda que parcialmente, das mesmas opiniões do produtor da resenha.

Esse efeito retórico é mais provável quando as avaliações veem acompanhadas de modais de baixa intensidade. Os modais de baixa intensidade constituem-se como significados de graus e preenchimento das expectativas e estão associados a processos e atributos que expressam significados interpessoais, funcionando também como sub-modificadores em grupos nominais. Estes adjuntos são, ainda, divididos em uma escala de valor que se distribui entre os níveis total (inteiramente, totalmente, completamente), alto (muito, bastante, quase, por pouco) e baixo (raramente, dificilmente) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p.129). Assim, Martin e White (2005) dizem que “a principal funcionalidade, então, das locuções modalizantes é criar subsídios para, e conseqüentemente, criar espaços para vozes alternativas e estimar posições num colóquio em curso em que o texto está localizado”.

Hyland argumenta que essa estratégia de avaliação pouco comprometedora e modalizada age para transmitir “deferência, modéstia ou respeito em vez de transmitir incerteza” (HYLAND, 2000, p. 88). Outros pesquisadores como Aijmer (1997) e Simon-Vandenberg (2000) pensam que essas locuções possuem uma funcionalidade diversificada. Todavia, a razão que ratifica o postulado de Hyland, especificamente para o gênero *resenha*, é encontrada na descrição que Désirée Motta-Roth (2005) faz sobre a pesquisa realizada pela Universidade de Michigan e que revela as diferentes entradas de resenhistas no *Mirlyn* (livro), no *Science Citation Index* e *Social Science Citation Index* (ambos jornais acadêmicos). Os resultados, como aponta Motta-Roth, “demonstram que 63% desses resenhadores poderiam ser considerados pesquisadores seniores à época em que o texto foi publicado” (MOTTA-ROTH, 2005, p. 86).

Esse resultado, endossado pelas características dos resenhistas dos textos aqui analisados, permite a pressuposição de que a escolha do modo pelo qual são feitas as avaliações no gênero *resenha* leva em consideração a deferência tanto do valor das obras

resenhadas como dos leitores que supostamente também partilham juízos sobre o elemento avaliado.

3 FORMAS REGULARES E RETÓRICAS DA COMPOSIÇÃO TEXTUAL/DISCURSIVA DA RESENHA

As diferentes abordagens já feitas sobre gênero parecem, devido até mesmo aos impasses, reconhecê-lo como um conceito em processo de formação, tendendo a uma entidade sociocomunicativa e não unicamente como entidade formal (SILVA, 2005). Para Swales (1990), no entanto, esses dois caracteres estão associados de tal maneira que o propósito comunicativo estará moldando a estrutura interna do gênero, impondo-lhe limites quanto à escolha de conteúdo e de estilo. Destarte é que se tenta produzir uma explicação sobre a forma de construção dessa estrutura e as possíveis razões discursivas, portanto comunicativas, para sua motivação em resenhas acadêmicas da área de Linguística.

A análise que Swales faz sugere que o principal traço definidor de gênero é, logo, o desígnio comunicativo compartilhado por aqueles que fazem parte da comunidade na qual o gênero é instrumentalizado. Motta-Roth (2002) acredita, e com isso especifica o ambiente comum ao educandário, que, no veio central da academia, a resenha é feita a fim de “se socializar com colegas, mantendo uma posição poderosa na avaliação dos avanços da disciplina” (MOTTA-ROTH, 2002, p. 87).

É por essa relação discursiva, dada em função, principalmente, da importância dos participantes para a escolha das estratégias retóricas no gênero em questão, que a descrição da organização composicional da resenha legitima as práticas sociais percebidas na área de Linguística (MOTTA-ROTH, 2002).

Nesse sentido, Motta-Roth apresenta, com base em Swales (1990), um modelo de categorias que abrange quatro movimentos retóricos e que representa as relações e funções de dez estratégias assumidas pelo resenhista. Essas categorias de movimentos evidenciam a apresentação da obra resenhada, a esquematização organizacional desta, a exposição de algumas partes mais específicas que mereçam destaque e o fornecimento de uma avaliação final.

Após a análise das produções textuais que se aplicam ao gênero em apreço, constatou-se a preferência de algumas maneiras de se portar e realizar determinadas práticas convencionais à área aqui em exame (a Linguística).

No primeiro movimento retórico, a saber, a apresentação do objeto em apreciação, o que se percebe é a preferência pela definição do tópico geral com a simultânea, mas não necessariamente nessa ordem, inserção na área de pesquisa que a obra se encontra como

forma de situá-la num contexto teórico existente e legítimo. Esse ato que insere a obra num campo de uma literatura específica é, às vezes, facilmente cumprido com as generalizações que faz o resenhista a fim de tornar mais amplas as discussões e o conhecimento tratado em seu objeto, comumente um livro.

O fato mais importante nessa parte para a sugestão de uma identidade própria e construída de um conhecedor-especialista é a eleição que faz o produtor do texto dessas estratégias retóricas em detrimento de outras possíveis como, por exemplo, informações sobre o autor do livro que também faz parte desse primeiro movimento retórico.

Ao esclarecer para o leitor a área do conhecimento linguístico que envolve a obra resenhada, o resenhista pode assumir a condição de quem realmente sabe sobre o campo teórico do qual a obra faz parte, ainda que outros elementos como o uso inadequado de conceitos específicos possa contraindicar isso.

Cumprir destacar, como salienta Motta-Roth (2002), que a opção por localizar a obra dentro de uma tradição de pesquisa não é um elemento essencial da composição do gênero *resenha*, já que esta consiste basicamente da descrição e da avaliação dos pontos fortes e fracos. Logo, essa opção de rememorar trabalhos antecedentes e estabelecer o lugar de onde partem as discussões para a validação e recepção da obra pode ser entendida, conforme a compreensão de Motta-Roth, como uma prática característica e social das resenhas da área de Linguística.

No segundo movimento retórico - *A esquematização do livro* - o que prevalece é o uso também simultâneo ou alternado de duas estratégias: o delineamento da organização geral da obra e a definição do tópico de cada capítulo, estendendo esta a um breve apanhado da seção.

O delineamento da organização geral do livro acrescido, num momento subsequente, de um preceito de especificidade que apresenta aquilo que se sobressai em termos de informações temáticas e complementares de cada capítulo mostra que membros da área de Linguística adotam ações discursivas que preconizam um dos critérios internos da cientificidade, apontados por Demo (1995), cuja rubrica é consistência.

Segundo Demo (1995), a consistência “significa a capacidade de resistir a argumentações contrárias”. Uma parte dessas argumentações poderia ser inibida por um conhecimento mais detalhado, metódico, ordenado, visto que assim, em muitas ocorrências, se realiza a definição do tópico de cada capítulo. Essa prática estratégica do resenhista pode responder a quaisquer incertezas sobre sua propriedade de falar sobre o objeto descrito e ajuizado.

No terceiro movimento retórico - *Ressaltando partes do livro* - a avaliação das partes específicas manifesta-se como sendo a única estratégia averiguada por Motta-Roth, porém quase que de uso obrigatório para a construção de um produtor textual especialista. Seu uso é eminente e aparece muitas vezes introduzido por inscrições lexicalmente avaliativas que elevem a importância do que se seguirá e que denotem o grau de interesse despertado no resenhista. Assim, nas resenhas LA5 e LA3 aparecem respectivamente o seguinte: *Muito salutar numa coletânea de artigos; É curiosa essa manifestação de crítica...*

O significado que se sobreleva do diálogo entre a estratégia de expor com certo grau de minuciosidade o tópico de cada capítulo e a subsequente avaliação de partes específicas é o mais interessante para se pensar o modo de o resenhista se portar. A cientificidade buscada através da descrição das informações entendidas como relevantes de cada capítulo para posteriormente se fazer, com um mínimo de indícios textuais e expostos, uma avaliação criteriosa das partes específicas obedece à maneira meticulosa de apurar a linguagem por aqueles que integram a área da Linguística (CRYSTAL, 1981).

O exame de partes menores, menos genéricas, que resgate a potencialidade das informações apreendidas pelo resenhista como significativas exige, se bem realizado, um saber especializado ou quanto menos superficial possível, visto que esse saber é, como diz Demo, “uma das fundamentações mais racionais da autoridade científica” (DEMO, 1995, p. 48). E nisso, ou seja, no tratamento crítico e bem fundamentado das partes específicas, está a ratificação, nas resenhas, da identidade construída pelo resenhista e que aponta mais uma vez para o conhecedor, o perito.

A título de exemplo, quando o resenhista da obra *A Aventura das línguas- uma história dos idiomas do mundo* julga que o quadro fonético do livro possui diversas passagens confusas, ele não só expõe sua opinião, mas a torna inteligível e justificável, apoiando-se em conceitos inerentes ao campo de estudo do qual fala.

Por fim, no último movimento retórico - *Fornecendo avaliação final* - a recomendação da obra, exaltando frequentemente suas qualidades expoentes, é predominante. Essa estratégia avalia comumente a obra resenhada como sendo uma produção com méritos salientes, ou com um mínimo de contribuição para a ciência da qual ela faz parte. A recomendação- considerando os senões e as falhas apontadas- também aparece, todavia, em menor quantidade.

A título de demonstração de como são introduzidas as estratégias retóricas dos quatro movimentos que compõem a organização composicional da resenha, esta tratando de temas linguísticos, é aduzido no quadro 1 um exemplo de análise retirado do *corpus*

desta pesquisa e que sinaliza cada um dos passos⁴ frequentemente percebidos no exame das resenhas:

2. ESQUEMATIZANDO O LIVRO: (organização geral-1º§) São, ao todo, 10 artigos, divididos em 4 partes, que compõem o presente volume.

1.APRESENTAÇÃO DO LIVRO: (definindo o tópico geral-1º§) E o tema aglutinador é algo que tem despertado muita atenção entre os estudiosos nos últimos tempos, tanto aqui no Brasil como lá fora – a saber, a questão da natureza exata da Linguística Aplicada (LA) enquanto disciplina acadêmica. Tendo conseguido, já há algum tempo, sua autonomia institucional, a LA continua buscando melhor compreensão da sua identidade e especificidade enquanto área do saber.

1. APRESENTAÇÃO DO LIVRO: (inserindo o livro na área-1º§) Os pesquisadores não se contentam mais encarando a LA como o ponto de encontro de várias outras disciplinas, visão essa que veio suplantiar a chamada postura “*Brumfit- Widdowson*”, que procurava frisar a emancipação da disciplina em relação à linguística teórica. Lars Sigred Evensen, em sua contribuição ao volume, resume a atual tendência nas seguintes palavras: “*Estamos atuando em um campo multidisciplinar (no sentido mais estrito desse termo) ou participamos do desenvolvimento de uma transdisciplina emergente (de uma ciência exclusiva, em termos não-tecnológicos)?*” (pp.81-2)

2. ESQUEMATIZANDO O LIVRO: (definindo o tópico de cada capítulo-2º§) As quatro partes do volume têm os seguintes títulos: LA: Agendas em Discussão, Do Disciplinar ao Transdisciplinar em LA, Significados Atribuídos à Transdisciplinaridade, e Dois Congressos e o Mesmo Tema. Dois trabalhos, de autoria, respectivamente de Alastair Pennycook, originalmente publicado em 1990 na revista *Issues in Applied Linguistics*, pleiteia uma postura abertamente crítica, ao passo que o segundo se preocupa mais em rastrear o percurso trilhado pela LA desde o começo da sua existência como disciplina autônoma.

4. FORNECENDO AVALIAÇÃO FINAL: (recomendando o livro ou desqualificando-o-6º§) Sem sombra de dúvida, livros como este são bem-vindos sobretudo diante das incertezas e falta de definição que ainda pairam sobre LA. Os autores, cada um do seu ponto de vista, se esforçam para formular um certo posicionamento em relação à transdisciplinaridade que é a palavra de ordem, já há algum tempo.

3. RESSALTANDO PARTES DO LIVRO: (avaliando partes específicas-8º§) O artigo de Pennycook, o primeiro no volume em discussão, merece destaque nesse sentido, sob o título de “A

⁴ A fim de se tornar mais fácil a compreensão dos movimentos retóricos com suas respectivas estratégias, toma-se o seguinte como arquétipo:

Mov.1- Apresentando o livro	Mov.2- Esquemmatizando o livro
Passo1- Definindo o tópico geral do livro Passo2- Informando sobre a virtual audiência Passo3- Informando sobre o autor Passo4- Fazendo generalizações Passo5- Inserindo o livro na área	Passo6- Delineando a organização geral do livro Passo7- Definindo o tópico de cada capítulo Passo8- Citando material extratexto
Mov.3- Ressaltando partes do livro	Mov.4- Fornecendo avaliação final do livro
Passo9- Avaliando partes específicas	Passo10- Qualificando ou desqualificando o livro Passo11- Qualificando o livro apesar das falhas

Linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica”, o autor adota um pano de fundo à visão pós-moderna da ciência e da produção e distribuição de conhecimento e advoga uma postura abertamente crítica. Suas palavras são extremamente importantes no contexto de marasmo ético-moral que se verifica em muitas das áreas acadêmicas.

Quadro 1: estratégias mormente utilizadas

Esse protótipo, pertencente a uma das dez resenhas, configura a presença das estratégias retóricas mais usualmente empregadas pelo resenhista, e permite observar que a delimitação entre movimentos com suas respectivas variáveis preferencialmente utilizadas (as estratégias) nem sempre coincide com delimitações de parágrafos e que a ordem de inserção desses movimentos é uma prática que não segue o que se poderia ser tomado como natural, ou seja, apresentação da obra, esquematização desta, exposição das partes entendidas como as mais importantes, e fornecimento de uma avaliação final respectivamente. Assim, antes mesmo de a obra resenhada ser apresentada por meio da definição do tópico geral, ocorre a entrada de um movimento retórico que expõe de maneira breve a organização genérica dessa obra.

4 CRÍTICA SOCIOCULTURAL À FORMA DE CONSTRUÇÃO DAS RESENHAS

O estudo dos padrões de uso dos recursos avaliativos nas resenhas acadêmicas da área de Linguística permite tecer juntamente com a descrição da organização retórica dessas mesmas produções uma crítica sociocultural de seus modos de construção.

Essa articulação é admissível tendo em vista basicamente a ideia principal de que quaisquer *juízos* e *apreciações*, nos termos e entendimentos propostos neste trabalho, devem ser compreendidos como sentimentos institucionalizados (MARTIN; WHITE, 2005), ou seja, são resultantes de valores comunitários, socialmente convencionados. Vale ressaltar novamente que a avaliatividade é cumprida nas resenhas em foco maiormente por *apreciações* (cf. *supra*).

Corroborando para essa articulação a ideia de que a constituição discursiva de quaisquer grupos sociais, por onde transitam esses valores e crenças, emana de uma prática socialmente enraizada em estruturas sociais concretas (FAIRCLOUGH, 2001), tais como as convenções percebidas na organização retórica das produções textuais em exame.

Assim sendo, uma questão eminentemente importante para a crítica que se pretende fazer estará relacionada ao sistema de valoração, mais precisamente à tácita implicação para o uso frequente da *apreciação* como o modo mais requerido de atitude no desencadeamento da avaliação nas resenhas acadêmicas da área de Linguística.

A noção de *apreciação* em Martin e White (2005) está adstrita aos valores estéticos de um dado tempo. Esse valor estético não é, para Mukarovsky⁵ (1977), um estado suprassocial ou transistórico, mas um processo decorrente da lógica da evolução social e do seu sistema de dominações. Nesse sentido, pode-se inferir que o resenhista manifesta seus pareceres tendo em vista a mobilidade e a condição dos arquétipos estéticos socialmente estabelecidos em seu tempo. Ele centra-se nos valores humanos e científicos fundamentais, como o bom, o verdadeiro e o oportuno para enunciar os juízos institucionalizados pela academia. Entretanto, considerando a contestação e a variabilidade da própria valoração estética, muito comum no meio em que provavelmente transitará as resenhas acadêmicas, esses juízos estão, em sua maioria, moldados pelas convenções de polidez comumente notadas nas produções científicas das instituições de ensino.

A amenidade da crítica do resenhista, expressa habitualmente por inscrições lexicalmente avaliativas do tipo *apreciação*, demonstra o reconhecimento de opiniões pessoais diferentes e a negociação que esse resenhista faz em decorrência delas. Norman Fairclough (2001), ao observar as razões sociais que motivam essa amenidade, acredita que “em outras palavras, as convenções de polidez particulares incorporam, e seu uso implicitamente reconhece relações sociais e de poder particulares, e, na medida em que se recorre a elas, devem contribuir para reproduzir essas relações” (FAIRCLOUGH, 2001, p.204). Nisso, ou seja, no reconhecimento dessas relações de poder, possivelmente engendradas pela forma *heteroglóssica* e polida das avaliações, o resenhista busca, ao mesmo tempo, em seus juízos sobre a obra da qual ele fala, ser simples e inteligente, sensível ao óbvio e, mais do que tudo isso, circunspecto.

A partir dessa configuração, é possível perceber a sinergia que se dá entre o valor estético e as instituições sociais, estas atuando direta ou indiretamente no *sistema de valoração*.

Outra questão considerável, impreterível para uma visão censora, está ligada à descrição da organização composicional das resenhas e diz respeito ao sentido diagnóstico-fiduciário resultante da preferência e, ainda mais, do modo como são articuladas as estratégias retóricas requeridas. Nesse sentido, significa que os leitores podem, e assim tendem, a acreditar quase que imediatamente no resenhista cuja identidade assumida está aprovionada, no meio acadêmico e em tantos outros, de respeitabilidade.

⁵ Jan Mukarovsky, linguista e crítico literário tcheco, é conhecido por sua associação com o estruturalismo precoce, bem como com o Círculo Linguístico de Praga. Teve uma profunda influência sobre a teoria estruturalista da literatura, comparável à de Roman Jakobson.

A base principal para essa asserção está no arranjo fundado pelo procedimento respectivo da definição dos tópicos de cada seção da obra e o parecer quase sempre imediato sobre essas partes, muitas vezes citando e baseando-se em material extratexto.

Esse arranjo, capaz de distinguir e acentuar um dos aspectos dos efeitos construtivos do discurso, a saber, a identidade social do produtor (FAIRCLOUGH, 2001), faz com que a organização retórica das resenhas da área de Linguística assuma um modo eficaz de ação social. Essa ação transcura porquanto o seu cunho fiduciário age de maneira tal que o leitor, importante elemento para o gênero resenha se alinhe e se posicione como que um paciente que se vê diante e a espera de um prognóstico médico. Esse “médico” para si e para o paciente descreve a situação clínica tal qual ela é, ou pelo menos a maneira como é percebida, mantendo temporariamente um tipo de controle e baliza interacional, visto que o leitor/paciente é levado pelo seu desconhecimento sobre a obra a julgar como verdade a descrição, e logo em seguida ajuíza esse *status* emitindo cuidadosamente seu parecer técnico. A ideia sobre o desconhecimento do leitor sobre a obra resenhada está em consonância com uma das possíveis razões para a leitura desse gênero textual, conforme observa Motta-Roth (2002).

Um olhar mais arguto para essas questões é capaz de mostrar uma certa subjacência e imbricação das mesmas ao formalizar um tipo de discurso cientificista baseado num vocabulário que embora amiudamente técnico não é de difícil compreensão em que se contemplam principalmente itens lexicais associados à habilidade, à competência, à qualidade, à instrução e, compreendendo todas essas, à especialização.

Esse discurso cientificista pode assim ser atribuído por seu aspecto essencialmente metódico, munido de rigor lógico, pouco simplista, sobretudo no sentido de que se fundamenta em conhecimentos anteriormente proferidos e aceitos como oportunos para o desenvolvimento e o reconhecimento da Linguística enquanto ciência, naturalmente funcionando como um expediente de questionamento estruturado e racional. Todavia, esse discurso incorre contra a ideia de neutralidade, esta que comumente serve de estimação e defesa das discussões científicas e acadêmicas, já que se apodera de concepções e valores estéticos que não podem ser separados do contexto de interesses em que estão investidos.

Um dos aspectos mais expressivos e contribuintes para a constituição desse tipo de discurso cientificista é a habilidade. Segundo Fairclough (2001), o conceito de habilidade possui uma relação normativa, passiva e objetificadora, no sentido de que quaisquer indivíduos, por meio de procedimentos de treinamento institucionalizados e supondo que as habilidades sejam transferíveis, adquirem elementos de um repertório social comum.

A habilidade, desse modo, procede da verificação e julgamento que o resenhista faz da contribuição e, mormente, da adequação da obra para seu ajustamento na área de discussão em comum, ou seja, nos diversos ramos que constituem a Linguística. Destarte, a habilidade é concernida como a destreza que se verifica em função de um repertório de exigências formais que científicam o valor de uma determinada produção acadêmica.

Ao utilizar de um elemento social comum, idealizado como qualidade a que se visa no meio em que é propagado, esse discurso afirma e ratifica esse elemento como um critério de avaliação próprio e específico de uma área que busca por meio dele a autoridade de ciência, de um campo de pesquisa fundamental para a compreensão dos mecanismos da língua. Esse requerimento, outrora realizado por tantos linguistas, como Edward Sapir⁶ (1961) um dos mais expoentes estudiosos da língua numa das décadas mais produtivas para os estudos linguísticos, a saber, a de sessenta, pode ser constatado na preocupação do mesmo pesquisador em considerar e ressaltar o valor da Linguística para as demais ciências e sua inquietude em pressupor como seria o relacionamento e o reconhecimento/afirmação das diversas partes que apresenta essa ciência com outros estudos sociais. Essa preocupação é legítima porquanto é incomum a noção de que os fenômenos da linguagem humana possam ser tratados dentro de um sistema coerente de princípios explicativos gerais e objetivos, como que esses fenômenos estivessem fora do alcance da ciência e, portanto, isentos de investigação racional (MARTIN, 1975).

Com isso, é possível então, notada a motivação para se empreender um discurso essencialmente apoiado em razões de cientificidade instituídas ao longo do tempo fortemente pela academia, entender e reparar a confluência que ocorre entre a vinculação aos valores estéticos, prontamente institucionalizados, à maneira como se processam esses valores para a asseveração de uma causa/ideia social.

⁶ Antropólogo germânico nascido em Lauenburg, Pomerânia, Alemanha, um dos fundadores da *etnolinguística*, ciência que estuda as relações entre linguagem e cultura, estudou na *Columbia University*, New York, onde recebeu a influência do antropólogo Franz Boas e interessou-se por antropologia linguística. Por cerca de seis anos estudou línguas indígenas do oeste americano, tornando-se responsável por contribuições fundamentais ao estudo das línguas indígenas da América do Norte. Dirigiu o departamento de antropologia do Museu Nacional Canadense em Ottawa (1910-1925). Sugeriu (1929) a classificação das línguas indígenas dos Estados Unidos, Canadá, México e América Central em seis grupos principais, e tornou-se professor da Universidade de Yale (1931), onde estruturou o departamento de antropologia. Estabeleceu os princípios de um método descritivo que exerceu profunda influência na linguística e antropologia modernas, a chamada *hipótese Sapir-Whorf*, em alusão ao autor e ao compatriota Benjamin Lee Whorf. Com sua principal obra publicada *Language* (1921), tornou-se um dos principais fomentadores da escola americana de linguística estrutural. **FONTE:** UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPO GRANDE. Apresenta biografias. Disponível em: < www.dec.ufcg.edu.br/biografias/EdwardSapi.html. Acesso em 26/01/2010.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com tudo o que já foi considerado, é ponderável a percepção de que determinar todas as variáveis e propósitos que concorrem para a realização de uma resenha acadêmica da área de Linguística não foi possível, nem isso foi presumível. Entretanto, é admissível considerar que a investigação das maneiras pelas quais o resenhista constroi e administra as relações interpessoais no gênero apreciado pode levar a uma gama de constatações sobre os significados implícitos na forma como se dá o procedimento avaliativo e na organização retórica comumente notada nos textos.

Os resultados assim permitem confirmar que as resenhas acadêmicas da área de Linguística materializam ações sociais capazes de deixar esclarecer, ainda que em matizes mais ou menos claras, algumas motivações sociais para as escolhas linguísticas que provavelmente serão assumidas no texto.

Isso denota que as resenhas acadêmicas da área examinada devem ser concernidas não só como um fórum de construção, legitimação e negociação de ideias sobre uma produção científica publicada, mas também como uma prática discursiva concebida em função ainda de uma causa assumida no campo da disciplina: a ratificação de um lugar científico, que tem com obviedade o rigor de ciência.

Desse modo, ao se analisar detidamente a valoração nas resenhas acadêmicas ligadas à Linguística, verificou-se que a característica que mais se sobrepõe dentro do posicionamento atitudinal do resenhista dessa área, e que junto a outros fatores articulam uma identidade de especialista para o produtor textual, é a constante e maiormente presença de avaliações do tipo *apreciação*, estas naturalmente associadas à configuração estética dos elementos avaliados.

Esse tipo de avaliação que, disposto no gênero textual analisado, leva em consideração um leitor putativo e fiducial para a resenha, a fim de convidá-lo a apoiar e compartilhar determinados pensamentos e gostos, utiliza taticamente um pano de fundo *heteroglóssico* capaz de, principalmente pela maneira modalizada de avaliar, reconhecer pontos de vista alternativos e de, conseqüentemente, estabelecer uma aproximação com esse leitor interativo.

Em conseqüência disso, o que se percebe é que os mecanismos para a avaliação obedecem, então, a convenções particulares de composição textual acadêmica e encontra nas escolhas das estratégias retóricas e na forma como estas são organizadas a legitimação de práticas sociais convenientes à área de Linguística.

Outro significado procedente desse arranjo implica que a identidade de especialista sugere uma interpretação sobre o produtor das resenhas dessa área que extrapola o significado único de que esse resenhista mantém o domínio sobre o sistema de valoração apropriado a seu campo e empreendido em seu texto. Ela incorre na cogente existência de uma ciência, a Linguística, para a confirmação de uma *persona* discursiva que se assume enquanto aquele que tem a competência e a capacidade de ser um avaliador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIJMER, K. I think – an English modal particle. In: SWAN, T; WESTVIK, O. (Org.). *Modality in Germanic Languages: Historical and Comparative Perspectives*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997. p. 1-47.
- BAKHTIN, M. *Dialogical imagination*. 15. ed. Austin: University of Texas Press, 2004.
- CHRISTIE, F. Systemic Functional Linguistics and a theory of language in education. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, n. 46, jan-jun, p. 13-40, 2004.
- CRYSTAL, D. *Que é Linguística?* Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1981.
- DEMO, P. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1995.
- EGGINS, S. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. London: Pinter, [1994] 2004.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.
- HYLAND, K. *Disciplinary Discourses: Social Interactions in Academic Writing*. London: Longman, 2000.
- HALLIDAY, M. A. K. Modes of meaning and modes of expression: types of grammatical structure, and their determination by different semantic functions. In: ALLERTON, D. J; CARNEY, E; HOLDCROFT, D. (Org.). *Function and context in linguistic analysis: essays offers to William Hass*. Cambridge: Cambridge University Press. 1979. p. 57-59.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 2004.
- MARTIN, J. R; WHITE, P. R. R. *The Language of Evaluation: appraisal in English*. London: Palgrave/Macmillan, 2005.

MARTIN, J. W. Linguística e ciência. *Revista Letras*, Curitiba: Setor de Ciências humanas, Letras e Artes, n. 23-24, p. 105-123, 1975.

MEURER, J. L. Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais. In: _____. ; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros textuais*. Bauru: Edusc, 2000. p. 17-30.

MOTTA-ROTH, D. A construção social do gênero resenha acadêmica. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru: EDUSC, 2002. p. 77-116.

MOTTA-ROTH, D. Questões de metodologia em análise de gêneros. In: KARWOSKI, A.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). *Gêneros Textuais: reflexões e ensino*. União da Vitória: Kaygague, 2005. p. 179-202.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SAPIR, E. *Linguística como ciência: ensaios*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1961.

SILVA, M. C. A noção de gênero em Swales: revisitando conceitos. *Recorte: Revista de Linguagem, Cultura e Discurso*. Três Corações, ano 2, n. 3, jul./dez. 2005. Disponível em <http://www.portais.unincor.br/recorte/images/artigos/edicao3/3artigo_marta.htm>. Acesso em: 21 de mar. 2010.

SWALES, J. M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. New York: Cambridge University Press, 1990.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPO GRANDE. Apresenta biografias. Disponível em: <www.dec.ufcg.edu.br/biografias/EdwardSapi.html>. Acesso em: 26 jan. 2010.

Recebido em 29 de março de 2010.

Aceito em 25 de outubro de 2010.